

A RELAÇÃO DO OUTRO NA FORMAÇÃO DO EU SOCIAL E EMOCIONAL

das crianças.

Giuliana de Oliveira Marson Teixeira
Professora titular do curso de psicologia da Unipar
– Cascavel, especialista em Administração de
Pessoas pela UFPR e Sóciopsicomotricista Romain
– Thiers, psicóloga clínica (infantil, adolescente
e adulto), escolar do trabalho e de grupo. Email:
giuliana@unipar.br

Desde o primeiro momento da vida, o indivíduo está inserido em um contexto histórico, já que as relações entre o adulto e a criança recém-nascida seguem um modelo ou padrão que cada sociedade veio desenvolvendo e que considera correta. Em cada grupo social, encontramos normas que regem as relações entre os indivíduos, dessa forma, pensar na construção do sujeito social, e mais do que isso, do sujeito cidadão, implica ressaltar a grande influência do “outro” na construção do eu pessoal (sócio-psíquico-econômico). Analisar o construto da cidadania compreende considerar a identidade social do ser, assim como a consciência de si e para tanto, torna-se necessário entender os processos pelos quais se constrói essa identidade. Silvia Lane defende que a consciência de si poderá alterar a identidade social, na medida em que dentro dos grupos que definem o ser, questionem-se os papéis quanto a sua determinação e funções históricas e na medida em que os membros dos grupos se identifiquem entre si quanto a esta determinação e constatem as relações de dominação que reproduzem uns sobre os outros, poderá se tornar agente de mudanças sociais. Leontiev em O Desenvolvimento do Psiquismo, afirma que a consciência individual do homem só pode existir nas condições em que existe a consciência social. Compreendida a evolução do ser sob o aspecto social, é preciso compreender as relações primárias do sujeito com o outro, pois são estas relações que futuramente sustentarão a construção do ser social, cidadão e consciente de si. Dentro dessa perspectiva, observam-se que as atitudes elaboradas no envolvimento com o social na primeira infância determinam um papel fundamental na constituição do sujeito, segundo os neuropsicólogos da Universidade de Illinois em Champaign, Urbana – EUA, o cérebro de uma criança privado de um ambiente estimulante sofre. Pesquisas no Colégio de Medicina Baylor, Texas, por exemplo, acharam que crianças que não brincam muito ou raramente são tocadas, desenvolvem cérebros que são 20 a 30% menores que os normais para sua idade. Concordando com os pesquisadores fica claro entender porque crianças com sérias disfunções sociais e emocionais podem ser resgatadas pela simples tomada de consciência de si e de seu corpo. A construção sócio-psíquica do ser depende quase que em sua totalidade da forma como o sujeito se entende no mundo, relação esta que é vivida desde muito cedo com a presença do “outro”, pois é ele quem vai estimular, proporcionar experiências para que a criança se desenvolva em todos aspectos, ainda mais fundamental, diz o Dr. Bruce Perry, da escola de Medicina de Houston, o mais importante é o papel que os pais têm em estabelecer os circuitos neurais que ajudam a criança a regular suas respostas à agressão ao estresse, etc.. Assim percebem-se as funções determinantes dos pais e professores no desenvolvimento sócio-psíquico